



CONSERVADORISMO PARA ALÉM DO SENSO COMUM

Pablo Fernando Campos Pimentel

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
pablo.pimentel@acad.pucrs.br

Resumo: Este artigo busca apresentar pontos acerca do pensamento conservador, como sua raiz histórica, visão de natureza humana e de contrato social. Pretende também discutir sinteticamente quem foram e quem são os grandes nomes do Conservadorismo; semelhanças e diferenças entre esses pensadores. Nessa linha de pensamento, surge um aspecto que não pertence somente à discussão acerca do conservadorismo, mas, também, à epistemologia, que é o caráter cético da visão ou mentalidade conservadora. Esse ceticismo se caracteriza na dúvida com respeito ao que é possível em termos de aperfeiçoamento moral e político da natureza humana.

Palavras-chave: Conservadorismo. Natureza. Ceticismo.

CONSERVATISM BEYOND COMMON SENSE

Abstract: *This article aims to present points about conservative thinking, such as historical root, vision of human nature and social contract. It also pursues to discuss synthetically who were and who are the great names of Conservatism, similarities and differences among these thinkers. In this line of thought occur as an aspect that does not belong only to the discussion about conservatism, but also, with respect to epistemology, which is the skeptical character of conservative vision or mentality. This skepticism is characterized in doubt as to what is possible in terms of moral and political improvement of human nature.*

Keywords: *Conservatism. Nature. Skepticism.*

* * *

Introdução

Tornou-se comum no Brasil, e fora dele também, acusar de retrógrada ou atrasada qualquer pessoa que discorde de uma pauta progressista, chamando-a de conservadora (*conservative*)¹, querendo-se dizer que esse indivíduo é avesso à

¹ Segue uma pequena lista de alguns autores fundamentais sobre o que é ser Conservador em moral e política: Burke (2014); Oakeshott (1996 e 2016); Kirk (2001 e 2014) e Scruton (2014, 2015 e 2017)

mudança e ao avanço. No entanto, não cabe, em uma sociedade de modelo democrático, recusar o pluralismo de ideias - pilar fundamental da democracia. O próprio fato de se viver em um Estado Democrático de Direito significa que se conquistou - em muitos casos, a duras penas - uma sociedade em que as liberdades civis ou individuais são o fundamento principal de sustentação das instituições sociais.

A primeira questão a ser discutida é que o Conservadorismo tem uma história dentro da história das ideias. Ele é anterior ao advento da Revolução Francesa (1789). Há quem coloque como pensador de viés conservador o grande Aristóteles, datando, assim, o pensamento conservador já na Antiguidade grega.

É interessante ressaltar que o velho trinômio *estado natural, contrato social e Estado civil* é definição que ainda não está de todo ultrapassada, pois o conservadorismo apresenta, em relação a esse trinômio, pelo menos uma definição bastante clara de estado natural, também denominado *natureza humana*, e uma definição razoável no tocante a como deve ser o *contrato social*.

Uma questão de capital importância nesse debate é de que forma esses pensadores, desde *Edmund Burke*², passando por Oakeshott, Kirk, Scruton e Sowell, compreendem os contratos ou pactos e de que forma podem contribuir com aquilo que se pode preliminarmente chamar de virtudes conservadoras para uma democracia. Dizendo de outra maneira, como o *Conservadorismo* pode contribuir para os Pactos de razoabilidade dentro de um sistema democrático? Pactos esses que podem aqui ser entendidos tanto como a constituição de uma nação quanto o código penal ou outro pacto firmado de comum acordo entre indivíduos atuantes e participantes da sociedade ou da comunidade política.

Uma breve abordagem histórica do Conservadorismo – Contrato Social

O Conservadorismo é, conforme afirma boa parte dos pensadores conservadores, negação da ideologia. Dizer isso é reacender a velha crítica de Burke a respeito da Revolução Francesa, na qual, em nome de princípios abstratos, como *Liberté, Égalité e Fraternité*, barbáries foram permitidas e cometidas. Esse não é o único exemplo, mas apenas um fato para que se traga à discussão o primeiro grande conservador, Edmund Burke, e sua famosa crítica à Revolução Francesa em contraponto ao seu elogio à Revolução Gloriosa.

É justo que se faça o seguinte questionamento: há pensamento conservador antes de Burke? A resposta é sim. O mais impressionante é que esse pensamento aparece há muito tempo, em uma obra de capital valor ao pensamento filosófico ocidental, *A Política*, de Aristóteles. Há nessa obra a afirmação de que a vida política e a moral são naturais, contrariamente aos que afirmam que essas sejam

oferecem um excelente cardápio acerca do pensamento ou mentalidade conservadores, bem como desdobramentos decisivos desse pensamento.

² Edmund Burke (1729 – 1797), nascido na Irlanda, é considerado o pai do conservadorismo moderno, se é que se pode falar, de fato, de conservadorismo anterior a Burke. Criticou fortemente de maneira negativa a Revolução Francesa (1789), ao passo que, elogiou a Revolução Gloriosa (1688/89).

inteiramente construções ou criações humanas³. Aristóteles critica nesse ponto os sofistas, que tinham por hábito relativizar a prática moral e política.

Analisando-se a diferença entre conservadores e liberais, sob a óptica de Aristóteles, pode-se, segundo Wiker (2016), afirmar que os conservadores adotam uma política cautelosa por acreditarem que o homem não é maleável e pelo fato de a moralidade ser objetiva, colocando limites no que se pode e no que se deve fazer, ao passo que, os liberais⁴ relativizam a moral, entendendo que o homem é maleável, podendo ser manipulado politicamente para a promoção de algum bem comum ou para a agilização de algum projeto “progressista”. Para Wiker (2016, p. 20), “Conservadores, como Aristóteles, preferem a experiência à teoria – na verdade, os conservadores recuam diante de esquemas filosóficos utópicos, que os liberais tendem a abraçar para reforçar ou justificar os seus esforços de engenharia social”.

Wiker não é o único a pôr Aristóteles no universo do pensamento conservador. Scruton (2015), juntamente com Hume e T.S. Eliot, também posiciona Aristóteles como sendo de uma linha de conservadores articulados em contrapartida aos conservadores contemporâneos, que têm dificuldade em se articular em máximas que definam seu conservadorismo de forma mais objetiva.

Há uma ideia de pacto ou contrato social já em Burke, que afirma que este pacto ou contrato seria algo firmado entre os *vivos, os mortos e os que hão de nascer*⁵. Essa ideia pode ser utilizada em resposta àqueles que, ao contrário dos socialistas-comunistas que querem que tudo seja do Estado e o Estado seja de todos, querem a total ausência deste, os defensores da Anarquia. Os que defendem uma sociedade anárquica, ou seja, sem Estado, geralmente e, possivelmente com boa fé, formulam a seguinte questão: como este pacto ou contrato pode ser legítimo, se nunca assinamos nem concordamos com nada?

De fato, quando Burke afirma que há uma associação entre os vivos, os mortos e os que ainda nascerão está querendo dizer justamente que a legitimidade do pacto está no fato de que este é herdado na perspectiva de que aqueles que nos precederam procuraram, no ato da firmação deste pacto, os melhores interesses disponíveis para si mesmos, para sua comunidade e descendência, buscando conservar para a posteridade as instituições herdadas dos antepassados que melhor dirigiram suas vidas e sociedade.

³ Cf. WIKER, Benjamin. *Dez livros que todo conservador deve ler – mais quatro imperdíveis e um impostor*. Tradução de Mariza Cortazzio. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2016, p. 19.

⁴ Liberais aqui no sentido norte-americano – progressistas e não no sentido de defensores das liberdades econômicas e políticas.

⁵ Cf. BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução, apresentação e notas de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 115. A seguir a passagem completa do pensamento de Burke acerca do pacto ou contrato firmado entre sociedade e Estado: “A sociedade é, certamente, um contrato. Contratos de natureza inferior que recaem sobre objetos de mero interesse ocasional podem ser desfeitos à vontade; mas o Estado não deveria ser considerado em pé de igualdade com um acordo de parceria em um comércio da pimenta, do café, do algodão, do tabaco ou em qualquer outro negócio inferior dessa espécie, uma sociedade instituída para a satisfação de um interesse temporário e dissolvida de acordo com o desejo das partes? Certamente que não. Deve ser encarado com outra reverência, porque não se trata de uma parceria em coisas inferiores apenas para satisfação da grosseira existência animal de uma natureza efêmera e perecível. O Estado é uma associação que participa de todas as ciências, todas as artes, todas as virtudes e todas as perfeições. Como os fins dessa associação não podem ser obtidos em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre os vivos, mas também entre os mortos e os que hão de nascer.”

Portanto, é digna de nota a importância dada por Burke ao *herdado*⁶. Burke apela recorrentemente à cautela. Repetidas vezes afirma que uma sociedade a qual se pretenda avançar deve ser capaz de se conservar naquilo que há de bom e respeitável⁷. Nesse sentido, considera-se o conservadorismo como um tipo de filosofia sobre o vínculo afetivo, pois nos sentimos sentimentalmente conectados àquilo que amamos e que desejamos proteger contra a decadência (SCRUTON, 2016).

O peso de Burke para o Conservadorismo é imenso. Para além disso, é colocado como um dos fundadores da chamada “Escola Inglesa” de teoria internacional, apesar de permanecer incerta a Escola à qual pertence. Martin Wight divide os pensadores em escolas tricotômicas de Realistas, Racionalistas e Revolucionários, Maquiavélicos, Grocianos e Kantianos. Porém, recentemente, teóricos têm redefinido as categorias trinitárias tradicionais em Realismo, Liberalismo e Socialismo e de Realismo Empírico, Ordem Moral Universal e Razão Histórica (ARMITAGE, 2000). Burke é também responsável por influenciar liberais-conservadores como *Macaulay*, *Fenimore Cooper* e *Alexis de Tocqueville* (KIRK, 2014). Esse fato mostra o lastro decorrente do conservadorismo de Burke e o quão abrangente é sua influência sobre distintos intelectuais.

Retomando a concepção do que seja ser conservador, para além do senso comum, é necessário um ajuste no repertório conceitual e um refinamento na linguagem para que o tema seja posto no seu devido lugar. Em pensadores como Michael Oakeshott (1901 – 1990), ser conservador é agir de acordo com determinada predisposição⁸. É bastante interessante notar que, não somente em Oakeshott, mas sobretudo nele, os termos utilizados para se referir ao ser conservador, geralmente, são *conduta* conservadora, *disposição* ou *predisposição* conservadora. Já em Scruton aparece o termo *atitude*⁹ conservadora. Cumpre ressaltar esse aspecto pela questão de que ser conservador é, antes de qualquer coisa, uma forma de comportamento ou conduta muito específicos e que, geralmente, busca uma fuga daquilo que radica na ideologia, entendida nesse

⁶ Ibid., p. 113-114. “Mas um dos principais e mais importantes princípios sob o qual a nação e as leis são consagradas consiste na precaução que se deve ter para que aqueles que têm o usufruto temporário e são inquilinos vitalícios, indiferentes com o que tenham recebido de seus ancestrais ou com o que se deve transmitir à posteridade, não ajam como se fossem os mestres absolutos; não pensem que entre os seus direitos estejam o de interromper ou dilapidar a herança, destruindo, a seu bel-prazer, todo o edifício original de sua sociedade, arriscando deixar para os que vierem depois deles nada além de ruínas no lugar de uma habitação – e ensinando esses sucessores a ter por suas obras um respeito tão grande quanto o que eles tiveram em relação às instituições de seus antepassados.”

⁷ Ibid., p. 44. “Um Estado sem meios para mudar, não tem meios para se conservar.”. Essa passagem nos ajuda a escapar da velha e repetida crítica de que o pensamento conservador é antimudança ou contra toda e qualquer inovação. O pensamento ou mentalidade conservadores é contra a mudança pela mudança, ou a inovação pela inovação.

⁸ Cf. OAKESHOTT, Michael. *Conservadorismo*. Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, p. 134 – 135. Para a passagem completa: “Ser conservador é estar inclinado a pensar e agir de certas maneiras; significa preferir alguns tipos de condutas e algumas circunstâncias de condições humanas a outras; é ter uma tendência a fazer alguns tipos de escolhas.”

⁹ Cf. SCRUTON, Roger. *O que é conservadorismo*. Tradução de Guilherme Ferreira Araújo. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 45. A citação completa é: “Na política, a atitude conservadora procura, acima de tudo, a autoridade e julga que nenhum cidadão possui um direito natural que transcenda sua obrigação de ser governado”.

contexto como conjunto de ideias que pautam a vida individual, a sociedade e o Estado. E é nesse sentido que se compara Burke a Kirk. Apesar de separados por quase 200 anos, compartilharam muito, incluindo um profundo respeito pelo costume e tradição e também, um aborrecimento pela ideologia e pelo radicalismo, apostando suas fichas na *Política da Prudência*¹⁰. O fato de a maioria esmagadora dos pensadores conservadores expressarem em seus escritos uma recusa em definir o Conservadorismo como ideologia, isso se dá, segundo Müller (2006), porque esse pensamento daria origem à suspeita de que poderia ser difícil compartilhar análises imparciais.

Na sequência da afirmação de que a conduta ou predisposição conservadoras são de determinado tipo, entra para a história das ideias conservadoras a afirmação de Oakeshott de que dispor de uma mentalidade conservadora é preferir o conhecido ao desconhecido, o tentado ao não tentado, o próximo ao que é distante¹¹. Como alguns conservadores dizem, é preferível lidar com o mal conhecido do que com o mal desconhecido, pois contra aquele já se conhece o remédio, ao passo que em relação a este nada se sabe.

Provavelmente o maior nome do pensamento conservador norte-americano, ombreado apenas, talvez, por Thomas Sowell, Russel Kirk (1918 – 1994) afirmou sabiamente que (2013, p. 98) “Ser ‘prudente’ significa ser judicioso, cauto, sagaz. [...] no estadista, a prudência é a primeira das virtudes. Um estadista prudente é aquele que olha antes de se lançar; que tem visão de longo alcance; que sabe que a política é a arte do possível”. É crucial para esse debate, ressaltar o trecho final da citação, de “[...] *que a política é a arte do possível*”, ou seja, a política está no campo das coisas que são factíveis, contrariando a política como arte da imaginação ou utopia. Kirk dispôs de Dez Princípios Conservadores, os quais admite não serem inquestionáveis, de caráter conclusivo ou que não se possa diferir de um autor para outro. Oferece-nos tais princípios como forma de, mínima e razoavelmente, delinear o caráter da mentalidade conservadora.

Os Dez Princípios conservadores são, conforme Kirk (2013) – 1º) o conservador acredita que há uma ordem moral duradoura; 2º) o conservador adere aos costumes, à convenção e à continuidade; 3º) os conservadores acreditam no que se pode chamar de princípio da consagração pelo uso; 4º) os conservadores são guiados pelo princípio da prudência; 5º) os conservadores prestam atenção ao princípio da variedade; 6º) os conservadores são disciplinados pelo princípio de imperfectibilidade; 7º) os conservadores estão convencidos de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas; 8º) os conservadores defendem comunidades voluntárias, da mesma forma que se opõem a um coletivismo involuntário; 9º) o conservador vê a necessidade de limites prudentes sobre o poder e as paixões humanas e 10º) o conservador razoável entende que a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa.

Esses dez princípios adequam-se razoavelmente às concepções de natureza humana, pacto ou contrato social e Estado que, de modo geral, os conservadores

¹⁰ Cf. FEULNER, Edwin J. *The Roots of Modern Conservative Thought from Burke to Kirk*. First Principles series. In: The Heritage Foundation. Washington, DC. No. 19, p. 2, jul. 2008.

¹¹ OAKESHOTT, Michael, op. cit., p. 137. “Ser conservador é, pois, preferir o familiar ao estranho, preferir o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna.”

possuem. Acreditar numa ordem moral duradoura é o mesmo que crer em assim como a natureza humana é constante, as verdades da moral são *permanentes*¹². Aderir aos costumes, à convenção e à continuidade significa dizer que, quando os conservadores defendem os costumes, a convenção e a continuidade, fazem-no por preferirem conviver com o mal que conhecem ao mal que não conhecem.¹³ O princípio da consagração pelo uso nada mais é que a anuência dada à moral, à política ou ao gosto, pela sabedoria antiga, ou dos antepassados, pois há sabedoria na espécie humana apesar de qualquer mesquinho raciocínio individual¹⁴. Ser guiado pelo princípio da prudência é ser guiado por aquela que, segundo Burke, concordando com Platão, era a maior das virtudes de um estadista. Significa, entre outras coisas, agir somente após cuidadosa e suficiente reflexão¹⁵. O princípio da variedade discorre sobre a preferência racional dos conservadores em conviverem com uma desigualdade natural entre os seres humanos, a suportarem um igualitarismo sufocante gerado por sistemas radicais¹⁶. Ser disciplinado pelo princípio da imperfectibilidade significa pura e simplesmente compreender a natureza humana como sendo imperfeita, logo incapaz de realizar projetos políticos e de sociedade utópicos e revolucionários. Para Kirk, pelo fato de o homem ser imperfeito, é impossível que possa ser criada uma ordem social perfeita¹⁷. O fato de estarem os conservadores convencidos de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas quer dizer que só há propriedade privada onde há liberdade para posse, ou seja, onde o Estado garante e protege os frutos do trabalho, sendo esses também propriedades daquele que trabalha e é livre para assim fazê-lo. Conforme Quinn (2014), como sabiam *Roepke*¹⁸ e Adam Smith, liberdade vem com limites e são esses limites que nos libertam. É nesse sentido que Edwards (2003) ressalta o fato do triunfo do conservadorismo repousar em grande medida nos últimos 50 anos, naquilo que se tem chamado de “liberdade ordenada”. Defender comunidades voluntárias e opor-se a coletivismos involuntários é afirmar a adesão do conservador em associações cooperativas livres em oposição aos coletivismos forçados, pois é a execução de nossos deveres em comunidade que nos ensina valores úteis como a prudência, a eficiência e a caridade¹⁹.

¹² Cf. KIRK, Russel. *A Política da Prudência*. Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito; Apresentação à edição brasileira de Alex Catharino; introdução de Mark C. Henrie; estudos anexos de Bruce Frohnen, Gerhart Niemeyer e Edward E. Ericson Jr. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 105.

¹³ *Ibid.*, p. 106.

¹⁴ *Ibid.*, p. 107.

¹⁵ *Ibid.*, p. 107.

¹⁶ *Ibid.*, p. 108.

¹⁷ *Ibid.*, p. 108.

¹⁸ “Wilhelm Röpke dedicou sua carreira acadêmica a combater o coletivismo na teoria econômica, social e política. Como estudante e proponente da Escola Austríaca, contribuiu para sua estrutura teórica e visão política, alertando para os perigos da consolidação política e ressaltando a conexão entre cultura e sistemas econômicos. Mais do que qualquer outro austríaco de seu tempo, ele explorou os fundamentos éticos de uma ordem social baseada no mercado”. (RITENOUR, Shawn. *Biography of Wilhelm Röpke (1899 – 1966) Humane Economist*. 2012. Disponível em: <<https://mises.org/library/biography-wilhelm-röpke-1899-1966-humane-economist>>. Acesso em: 08/10/2017. Tradução nossa).

¹⁹ KIRK, Russel, op. cit., p. 110.

O fato de o conservador ver a necessidade de limites prudentes sobre o poder e as paixões humanas não significa que os quer eliminar, mas tão somente que não deposita fé ou confiança cegas na benevolência humana e crê que restrições, por meio da constituição, de freios e contrapesos políticos, o cumprimento adequado das leis e restrições sobre a vontade e o apetite são tensões saudáveis entre as pretensões da autoridade e as pretensões da liberdade²⁰. Por fim, dizer que o conservador razoável entende que a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa significa dizer que, apesar da péssima propaganda progressista de que o conservador é inimigo de melhorias sociais, fato é que, como muito bem apontado pelo próprio Kirk (2013, p.111), “O conservador sabe que qualquer sociedade saudável é afetada por duas forças, que Samuel Taylor Coleridge (1772 – 1834) chamou de permanência e progressão”. Portanto, dentro dos próprios princípios conservadores está salvaguardada a ideia de progresso ou mudança. Porém na realidade, o que o conservador não deseja é o progresso irrefletido e sem moderação, pois, para o conservador, a progressão consistiria naquele espírito ou mentalidade que almeja a reforma e melhoria prudentes²¹. É nesse sentido que Andreasson (2014) afirma que o conservadorismo pode ser considerado como uma abordagem que procura gerenciar ou administrar a mudança e preservar a tradição.

Esses dez princípios conservadores dão uma boa base e fundamento para se entender aquilo que se denomina de mentalidade ou espírito conservador. Para além de um entendimento rasteiro sobre conservadorismo, ficam mais que patentes a sofisticação e os lastros que essa ideia possui.

Natureza Humana no Conservadorismo

De fato, poder-se-ia indagar que mal faria uma simples concepção acerca da natureza humana. No entanto, ao lerem intelectuais, como, por exemplo, Thomas Sowell, esse raciocínio fica claro. Para Sowell, a visão de estado natural ou de natureza humana, pode ser de dois tipos, a saber, aquilo que este denominou de *visão restrita*²² e *visão irrestrita*²³. Ambos os conceitos são praticamente autoexplicativos, pois dizer que a natureza humana pertence a uma visão restrita é dizer que o homem possui limitações morais e um certo egocentrismo em particular. Sowell utiliza, como figura representativa da visão restrita, *Adam Smith*²⁴, o qual, em vez de lamentar essa clara natureza imperfeita e procurar alterá-la, busca proceder da melhor forma dentro dessa limitação, sem gastar energias para mudar o curso dessa natureza. Do outro lado, na visão irrestrita, a qual tem por referência principal,

²⁰ Ibid., p. 111.

²¹ Ibid., p. 112.

²² Cf. SOWELL, Thomas. *Conflito de visões: origens ideológicas das lutas políticas*. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 24–28.

²³ Ibid., p. 28–30.

²⁴ A obra utilizada por Sowell para explicitar sua definição de visão restrita de Natureza Humana, é a obra *“The Theory of Moral Sentiments (1759)”* de Adam Smith. Nessa obra Smith descreve a natureza humana como sendo essencialmente limitada em sentido moral, em grande medida voltada para o egocentrismo, porém, se corretamente incentivada, pode vir a agir da maneira adequada.

*William Godwin*²⁵, procura-se alterar ou mudar o curso natural humano, em que conforme a descrição de Sowell (2012, p. 29), “[...] o homem era capaz de sentir diretamente as necessidades das outras pessoas como mais importantes do que as suas próprias e de agir, portanto, de forma imparcial, mesmo quando estavam presentes seus próprios interesses ou os de sua família”. Apesar de Godwin reconhecer um comportamento egocêntrico no ser humano, não significava que esta conduta era natural ou que não pudesse ser alterada.

É fácil perceber que visão restrita e visão irrestrita de natureza humana referem-se, fundamentalmente, à forma como concebemos os limites do que a natureza humana pode ou não alcançar em termos de avanços morais e sociais, na busca pelo aperfeiçoamento da sociedade. Nesse sentido, claramente Sowell faz uma crítica quanto ao fato de que os conflitos ideológicos têm forte raiz na forma de conceber a natureza humana. De um lado, reserva-se o direito a trabalhar com o material humano que se tem à disposição e que, apesar de não ser o ideal, é o único de que se dispõe. Do outro lado, tem-se a pretensão de que é possível moldar a natureza humana que, apesar de reconhecidamente possuir traços egocêntricos, não precisa de incentivos psíquicos ou econômicos para agir da forma correta, como pensava Adam Smith, mas necessita tomar conhecimento de soluções, como afirma William Godwin, para fazer o certo, inclusive, contrariando interesses pessoais e familiares.

A crença no fato de que a natureza humana é passível de aprimoramento contínuo até o estágio da perfeição deriva da dificuldade e incômodo, conforme Scruton (2015), em aceitar as recomendações imperfeitas contidas nos costumes e no senso comum, ansiando um outro tipo de futuro em que as antigas formas de compromisso não sejam mais exigidas. Assim, os otimistas inescrupulosos acreditam que as desordens da humanidade podem ser superadas por um tipo de ajuste ou refinamento em larga escala. Scruton (2015) nos convida a observar as vantagens de ter um olhar pessimista, no sentido filosófico, sobre a realidade, como visão restrita ou cética no que tange a natureza humana e o que essa natureza pode alcançar em termos de melhoria em nível individual ou coletivo.

É possível pensar, dentro de um sistema democrático, por exemplo, no anseio pela redução do sofrimento sentido por certos grupos ou determinada parcela da população, seja no Brasil seja fora do país. No entanto, as formas de buscar reduzir o sofrimento ou, como a própria expressão diz, ‘reduzir as desigualdades’ variam de democracia para democracia, ou de país para país. O mesmo Sowell do qual falava-se há pouco possui um estudo em que buscou, através de pesquisa, encontrar uma resposta para o impacto ou efeito, de fato, em países em que foi implementado o sistema de cotas “raciais”, as chamadas *Ações Afirmativas*. As aspas no termo *raciais* se dão pelo fato de o conceito raça cientificamente não existir, no entanto, adeptos desse tipo de política, descritas por Sowell como políticas preferenciais, acabam tendo de utilizar esse termo que, ao fim e ao cabo, parece não contribuir eficazmente para o combate ao preconceito. Sowell apresenta um vasto estudo produzido em países como Índia, Malásia, Sri Lanka, Nigéria e Estados Unidos.

Sowell é um exemplar vivo de intelectual cético que, de forma honesta, em seus livros, busca apresentar problemas e questões a serem refletidos, em vez de

²⁵ A obra de William Godwin, utilizada nesse caso pelo autor, para o exemplo de visão irrestrita de Natureza Humana, é o famoso “*Enquiry Concerning Political Justice*”, obra publicada em 1793 na Inglaterra.

levantar bandeiras em favor de “A” ou “B”. Com relação às políticas de *Ação Afirmativas*, Sowell acredita que, em boa parte dos países, essas políticas se transfiguraram em formas de produzir benefícios relativamente pequenos para poucos e problemas bastante expressivos para a sociedade como um todo. Tanto os defensores quanto os críticos a essas *Ações* tenderam a superestimar os benefícios que foram transferidos²⁶.

Fator importante nesse quesito é o modo como se entendem as ações a serem tomadas para a resolução dos problemas sociais. Aqueles que pretendem promover uma completa mudança nas formas de se fazer política e enxergar a sociedade, crendo que suas ideias farão a sociedade prosperar, são sempre chamados de *revolucionários*; porém, os que se levantam em oposição a essas atitudes revolucionárias, por temerem que exageros possam ser cometidos, são chamados *reacionários*. Muitos são aqueles que rotulam conservadores de reacionários, pelo fato de o reacionário insurgir-se contra uma postura revolucionária, já que o conservadorismo é antiutópico. Esse rótulo não é correto. O reacionário não passa de um “revolucionário do avesso”, pois, ao contrário do revolucionário, que intenta um projeto de felicidade utópico com vistas ao futuro, o reacionário pretende implementar um projeto de felicidade utópico para o passado (COUTINHO, 2016).

E é nessa direção que o *conservadorismo político*²⁷ rejeita, nega os apelos do pensamento utópico sejam eles provenientes de revolucionários ou reacionários. Pode-se afirmar isso com base no fato de o conservadorismo entender o potencial de violência e desumanidade que a maneira utópica de ver o mundo carrega, e, nesse sentido, o conservadorismo reagirá de forma defensiva contra os utopismos²⁸. É nessa direção que Kirk (2016) comenta que Burke detestava abstrações políticas, não sendo amado pelo sujeito paranoico por uniformidade igualitária impessoal na sociedade, tampouco pelo entusiasta por mudança ou revolução permanente.

Conclusão

Após termos jogado um pouco de luz sobre a história do pensamento conservador, um novo olhar sobre essa ideia se faz necessário. Seja para criticar, seja para aderir, é necessário reconhecer que o tratamento dado até então no Brasil para as ideias conservadoras e para o que é de fato o Conservadorismo não foram claras o suficiente, nem honestas.

É importante notar que a mentalidade, disposição ou atitude conservadora e o conservadorismo radicam numa desconfiança ou ceticismo com o que é possível de se esperar do ser humano. Esse ceticismo tem forte raiz no famoso Problema da Indução levantado por David Hume, quando este afirma que o argumento indutivo não possui justificção racional, mas assim procedemos em boa parte de nossos raciocínios por estarmos habituados ou acostumados a fazê-lo.

²⁶ Cf. SOWELL, Thomas. *Ação afirmativa ao redor do mundo: um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais*. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 219.

²⁷ Cf. COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários*. São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 26.

²⁸ Cf. COUTINHO, João Pereira. 2016, loc. cit.

Conforme T. S. Eliot (2011), ceticismo é o hábito de examinar evidências e a capacidade de adiar decisões. Apesar de breve, essa definição de ceticismo descreve perfeitamente o caráter da mentalidade conservadora vista até agora.

Portanto, no conservadorismo, se acredita em uma natureza humana imperfeita, como bem colocado por Kirk (2013), e numa visão restrita, como afirmado por Sowell. Existem limites claros para o que o ser humano pode realizar em termos de aprimoramento.

O contrato ou pacto social é algo fundado num vínculo afetivo, pois os vivos conservam aquilo que foi herdado para as futuras gerações, buscando melhoras prudentes para o que ainda não está adequado.

A política, tal como a conhecemos, não deve jamais ser compreendida como “política imaginativa”, a saber, a ideia de que a política pode ser feita através da boa vontade de um teórico, que, sentado em seu gabinete, formula teorias e produz abstrações sobre como deve ser a natureza humana, o funcionamento da sociedade e do Estado. Visto que a política é a arte de uns poucos governarem a muitos, ela deveria, via de regra, ser compreendida como um ofício que goza de grande prestígio. Porém, os diversos exemplos das últimas décadas têm-nos feito perder o brilho, o encanto e a esperança na labuta política. Muitos absurdos são cometidos em nome de utopias políticas. Nesse sentido é que, segundo Kirk, em *A Política da Prudência* (2013), tem sido feita a defesa de uma política prudencial em oposição a uma política ideológica/utópica. A principal preocupação desse pensador é com o chamado fanatismo político e com esquemas utópicos. Do mesmo modo que, para Michael Oakeshott, em *The Politics of Faith and the Politics of Scepticism* (1996), há uma forte preocupação acerca daquilo que este chama de política da fé, em que imperam os projetos racionalistas em política, a saber, o conhecimento a respeito do funcionamento da vida política extraído da razão sem qualquer apelo à experiência e aos fatos concretos. Políticas da fé são aquelas políticas em que o perigo da vaidade do governante ou legislador ofuscam a virtude da precaução e da prudência que deveriam guiar o governante, como já lembrado por Burke, em suas *Reflexões sobre a Revolução na França* (2014), obra em que este critica profundamente o caráter eufórico do revolucionário, que anseia por um combate, em que gravará seu nome na história como combatente em nome da mudança e da inovação, mudança e inovação estas que geralmente são levadas a cabo, sem qualquer precaução ou prudência.

* * *

REFERÊNCIAS

AMED, Fernando. **Thomas Sowell**: Da obrigação moral de ser cético. São Paulo: É Realizações, 2015, 104p.

ANDREASSON, Stefan. Conservatism. *In*: V. Geoghegan, & R. Wilford (Eds.), **Political Ideologies**: An Introduction. 4th. ed. London: Taylor and Francis, 2014. p. 47-70.

- ARMITAGE, David. Edmund Burke and reason of state. **Journal of the History of Ideas**. New York, Vol. 61, No 4, p. 617-634, out. 2000.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução, apresentação e notas de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: EDIPRO, 2014, 255p.
- EDWARDS, Lee. The Origin of the Modern American Conservative Movement. Heritage Lectures. *In: The Heritage Foundation*. Washington, DC. No. 811, p. 1–8, Nov. 2003.
- ELIOT, T. S. **Notas para a definição de cultura**. Tradução de Eduardo Wolf. São Paulo: É Realizações, 2011, 140p.
- COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2016, 127p.
- FEULNER, Edwin J. The Roots of Modern Conservative Thought from Burke to Kirk. First Principles series. *In: The Heritage Foundation*. Washington, DC. No. 19, p. 1–10, Jul. 2008.
- OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, 194p.
- OAKESHOTT, Michael. **The Politics of Faith and the Politics of Scepticism**. Edited by Timothy Fuller. New Haven and London: Yale University Press, 1996, 139p.
- KIRK, Russell. **A Política da Prudência**. Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito; Apresentação à edição brasileira de Alex Catharino; introdução de Mark C. Henrie; estudos anexos de Bruce Frohnen, Gerhart Niemeyer e Edward E. Ericson Jr. São Paulo: É Realizações, 2013, 495p.
- KIRK, Russell. **Edmund Burke: Redescobrimo um gênio**. Tradução de Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2016, 575p.
- KIRK, Russell. **The Conservative Mind: From Burke to Eliot**. By Russel Kirk. USA: Stellar Classics, 2014, 461p.
- MÜLLER, Jan-Werner. Comprehending conservatism: A new framework for analysis. *In: Journal of Political Ideologies*. Routledge. Princeton, NJ, Vol. 11, No. 3, p. 359-365, Oct. 2006.
- QUINN, Dermot. BACEVIC, Andrew J. et al. **The Essence of Conservatism**. USA: The American Conservatism, 92p. 2014.
- RITENOUR, Shawn. **Biography of Wilhelm Röpke (1899 – 1966) Humane Economist**. 2012. Disponível em: <<https://mises.org/library/biography-wilhelm-roepke-1899-1966-humane-economist>>. Acesso em: 08/10/2017.
- SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. Tradução de Guilherme Ferreira Araújo. São Paulo: É Realizações, 2015, 327p.
- SCRUTON, Roger. **As vantagens do pessimismo: e o perigo da falsa esperança**. Tradução de Fábio Faria. São Paulo: É Realizações, 2015, 208p.
- SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Tradução de Bruno Garshagen; revisão técnica de Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2016, 292p.

SCRUTON, Roger. **Uma Filosofia Política**: argumentos para o Conservadorismo. Tradução de Guilherme Ferreira Araújo. São Paulo, É Realizações, 2017, 264p.

SOWELL, Thomas. **Conflito de visões**: origens ideológicas das lutas políticas. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2012, 278p.

SOWELL, Thomas. **Ação afirmativa ao redor do mundo**: um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. São Paulo: É Realizações, 2016, 272p.

WIKER, Benjamin. **Dez livros que todo conservador deve ler** – mais quatro imperdíveis e um impostor. Tradução de Mariza Cortazzio. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2016, 333p.